

# Sarney aceita ser o presidente

quinta-feira, 20/3/86 □ 1º caderno □

## de honra do PMDB

Brasília — O presidente José Sarney será o presidente de honra do PMDB, atendendo a convite do deputado Ulysses Guimarães. Embora Ulysses tenha dito que fez o convite por telefone, no final da semana passada, um assessor do Palácio do Planalto assegurou que a conversa ocorreu ontem. O informante reproduziu as palavras de Sarney, ao aceitar: "Fico muito honrado. Um convite desses não se recusa". A indicação de Sarney será ratificada dia 6, pela convenção nacional do PMDB, que não tinha em sua hierarquia o posto de presidente de honra.

Ulysses afirmou que, também por telefone, Sarney negou ter participado das gestões para o lançamento da candidatura do empresário Antônio Ermírio de Moraes ao governo de São Paulo. Acrescentou que o presidente garantiu que todos os seus esforços foram no sentido de fortalecer a candidatura do vice-governador Orestes Quercia, do PMDB, através de aliança com o PFL.

Ele deu essas informações em duas etapas: no meio da tarde falou sobre a candidatura Antônio Ermírio e somente no início da noite chamou os jornalistas a seu gabinete, para anunciar que Sarney aceitou a presidência de honra do PMDB.

O presidente nacional do PMDB informou, ainda, que o ex-ministro Roberto Gusmão avisou ontem que remetera carta ao diretório regional de São Paulo, com cópia ao diretório nacional, comunicando que deixava o partido para trabalhar pela candidatura de José Ermírio.

### PAZZIANOTTO

Um emissário de Orestes Quercia, o prefeito de Sorocaba, Flávio Chaves, esteve na noite de anteontem com o ministro do Trabalho, Almir Pazzianotto, que depois de escutar muitos apelos e argumentos admitiu rever sua posição de não se desincompatibilizar do cargo, Pazzianotto foi convidado por Quercia para vice de chapa do PMDB paulista, mas disse na semana passada que preferia continuar no ministério, para colaborar com o presidente Sarney.

A conversa entre Chaves e Pazzianotto foi revelada por um deputado do PMDB paulista, segundo o qual o ministro do Trabalho disse que aceitará ser o vice de Quercia. De acordo com o informante, Pazzianotto só anunciará sua decisão no final deste mês e deixará a desincompatibilização do ministério para 15 de maio — prazo de que dispõem os ministros com mandato parlamentar.

### Uma história em 5 partidos

José Sarney iniciou a carreira política no PSD, como 4º suplente de deputado federal, levado pelas mãos do então senador e senhor absoluto da política no Maranhão, Vitorino Freire. Quatro anos depois, rompido com Vitorino, elegeu-se deputado federal pela UDN, onde integrou a facção conhecida como bossa nova — uma espécie de ala esquerda do partido.

Durante o governo João Goulart, Sarney e outros ude-nistas da bossa nova integraram a Frente Parlamentar Nacionalista (FPN) que, liderada pelo então deputado Leonel Brizola, propunha-se a ser, acima das legendas partidárias, um suporte para as reformas pretendidas pelo presidente. No final de 1963, a poucos meses do golpe que derrubou Goulart, Sarney rompeu com a FPN, não comparecendo à sessão do Congresso em que seria votada — e derrotada — proposta de emenda constitucional do deputado Bocayuva Cunha (PTB), que previa a desapropriação de terras com pagamento de títulos da dívida pública.

Instalada a nova ordem, Sarney elegeu-se, em 1965, governador do Maranhão, com todo apoio do marechal Castelo Branco, o primeiro presidente do regime militar. Com a extinção dos partidos criados durante o antigo regime, o caminho natural de Sarney foi a Arena, criada para ser o partido de sustentação do governo militar. Pela Arena, elegeu-se (1970) e reelegeu-se (1978) senador.

Em janeiro de 1979, o general João Figueiredo, presidente eleito, entregou a Sarney a presidência da Arena, cuja extinção, assim como a do MDB, era questão decidida. Com a reforma que criou os atuais partidos, Sarney assumiu a presidência do PDS, em 1980, posto que manteve até maio de 1984.

Com um soco na mesa, Sarney largou a presidência do PDS — que caminhava para escolher o deputado Paulo Maluf candidato à sucessão de Figueiredo. Aberta a dissidência no partido do Governo, estava garantida a eleição do candidato do PMDB, Tancredo Neves.